

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 40

2021

Nº 240

NOVEMBRO - DEZEMBRO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Propriedade, Administração,
Redacção, Composição e
Impressão :

Rua das Pedralvas, nº. 1-A
1500-487 Lisboa
Telefone : 217 647 441

*

Director Responsável :

Manuela Vasconcelos

*

Distribuição Gratuita

*

Índice

Página

Editorial	2
A conquista do Céu	4
Preito de Gratidão	5
Medo de errar?! Porquê?	9
Natal – Ano Novo	13
A festa real de Jesus	14
Encontro de Natal	18
Se eu fosse um pinheirinho...	19
Tudo é Teu	21
Natal	22
Haverá sempre Natal	23

EDITORIAL

Apesar da pandemia, apesar do corona-virus e de todas as suas vítimas – encarnadas e desencarnadas -, apesar do comportamento de todos aqueles que pensam que “o mal só acontece aos outros”, apesar de tudo aquilo que de momento não recordamos nem referimos, o Tempo tem corrido sempre como se tudo estivesse bem, aproximando-nos uma vez mais do Natal e, conseqüentemente, da comemoração do nascimento do Ser que veio à Terra para nos salvar quando o nosso comportamento mais nos atirava para o caminho do mal, do erro, do crime!

Sem precisarmos de fazer grandes contas, foi há 2021 anos que o Menino nasceu, tendo por agasalho o bafo dos animais recolhidos no curral, e, por colchão, as palhinhas que sobraram da alimentação do gado e ficaram ali, na manjedoura, a fazer de cama!

E aquele Espírito Puro, enviado de Deus, que vinha falar e exemplificar o Amor, a Humildade e o Perdão, mostrava assim, logo nos seus primeiros momentos de vivência terrena, como deveríamos ser todos nós, para nos salvarmos e encontrarmos o caminho para o Pai... Mas o aprendizado é difícil, embora parecendo o contrário, e, tantos séculos decorridos, continuamos ainda a trilhar o terreno bravio do “choro e do ranger de dentes”!

Ele – Caminho, Verdade e Vida – não deixou que o caminho se fechasse para os que O quiseram seguir – sendo assim possível,

embora parecendo o contrário, serem já muitos os que conseguiram atingir e vencer a meta terrena!

Apesar de tudo, continuamos a reconhecer a nossa imperfeição e se não desanimamos dos passos perdidos nos atalhos que d'Ele nos afastaram, reconhecemos também o quanto somos ainda infantis nos nossos lamentos que julgamos – ou desejamos – justificarem o nosso atraso evolutivo.

Vale-nos a garantia que Ele nos deu de “estar connosco até ao final dos Tempos”, e estas palavras, esta certeza que a fé de cada um aceita como uma promessa e uma verdade são, ainda hoje, o aliciente que nos incentiva a procurarmos segui-LO.

Então, neste Natal, para além de todas as lágrimas que se tenham chorado, que cada um seja capaz de dar

Glória a Deus nas Alturas

sentindo que a Paz está com todos os homens de boa vontade... e consigo também!

Feliz Natal na companhia de Jesus, para si, querido leitor e Irmão, e para todos os seus!

A DIRECÇÃO

+

As lágrimas choradas com resignação formam um colar de pérolas raras, que depomos aos pés do Senhor com o nosso Amor..

+

A CONQUISTA DO CÉU

O roteiro de saúde é o Evangelho e a sua metodologia é a Caridade.

Além das sombras do sepulcro, a percentagem de Céu para cada Alma expressa a quantidade de Céu que haja edificado em si mesma. – EMMANUEL

Jesus afirmou com peregrina clareza¹: “*a cada um será dado de acordo com as suas obras.*”

Através dos milénios de transgressões sem conto, de inumeráveis e escandalosas defecções, é natural sermos, agora, vitimados pelo rescaldo abrasivo das consequências infelizes. Acicatados pelas sombras do remorso, da frustração e do arrependimento tardio, suplicamos a benção do recomeço no proscénio expiatório para o ressarcimento dos crimes ocultos, quando, empreiteiros da calúnia e da crueldade, defraudámos a Lei. Portanto, não admira, agora, o surgimento de criaturas em berços de sofrimento e provação em que os culpados do passado se quitam com a Lei, purificando e reaprendendo ao mesmo tempo.

Trazemos como herança de nosso pretérito delituoso, densas nuvens de trevas que ainda pesam muito em nossas consciências.

De posse dos abençoados e valiosos ensinamentos da Doutrina Espírita, passamos a compreender melhor o que antes só causava revolta e perplexidade: a Lei de Causa e Efeito não pára de funcionar, constituindo o carma feliz ou infeliz conforme as obras de cada um.

Jesus recomenda-nos amear tesouros nos Céus. Até hoje preocupamo-nos tão somente com os tesouros da Terra. O que resultou disso?!

Com rara sagacidade, aconselha Frei Francisco de Monte Alverne, a fim de que possamos colorir com as cores suaves da paz e da felicidade o proscênio pós-tumba: *“o cristão verdadeiro sabe que a sua segurança é Deus, seu melhor amigo é Cristo, seu roteiro de saúde é o Evangelho, sua definição é o Bem, sua metodologia é a Caridade, sua salvação é o Amor.”*

Há mais de dois milénios, Sócrates já enunciava: *“aquele que guarnecer a Alma, não de ornatos estranhos mas com os que lhe são próprios (virtudes) só esse poderá aguardar com tranquilidade a hora de sua partida para o outro mundo.”*

1 - Mateus, 16:17.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

PREITO DE GRATIDÃO

Missionários muito raramente encarnam sozinhos, condição que depende da natureza do trabalho a realizar. Com todas as implicações de ordem magnético-espiritual, comparecem qual família para o desempenho da tarefa. A exemplo de Francisco de Assis e de outros, aconteceu também com Rivail/Kardec e generosas almas o cercaram, em nome de Deus e de Jesus, desde o livreiro Didier e os irmãos Leymarie até Léon Denis, Delanne e Flammarion, e tantos outros. Desse panteão, delineado e radicado no Plano Espiritual, não é comum que se destaque um desses

Espíritos colaboradores de Kardec, aquele que mais proximamente do homem, do missionário Codificador, acompanhou os mais leves e subtis movimentos dessa grande alma, que lhe auscultou os propósitos mais altos e nobres para servir a Jesus, que lhe partilhou os mais delicados e íntimos momentos do quotidiano como esposo, profissional, professor, intelectual, escritor, *scholar*, Codificador...

O advento da Doutrina Espírita, em cumprimento à promessa de Jesus à Humanidade – “... e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará um outro Consolador”¹ – reuniu uma plêiade de Espíritos que se destacaram no cumprimento de alta e nobre missão coadjuvante, dentre os quais um não era para se destacar, pelo menos de pronto, tarefa que somente as grandes almas são capazes de desempenhar, recolhendo-se, como Maria, a Rosa Mística de Nazaré², em relação a Jesus. Segundo delineamento das Esferas Superiores, assim como os demais, arautos, “batedores”, retornaram ao plano material, preparando(-se) para colaborar com o futuro Codificador – também reencarnou, nesse caso, nove anos antes, em Thiais, em 23 de Novembro de 1795, aquela que seria sua companheira incondicional. Submetidos às injunções da reencarnação, a par do Diálogo espiritual que por certo já mantinham desde muito tempo antes, também se imanaram esses dois Espíritos em matrimônio. Num diálogo afectivo-romântico, intelectual, profissional, oferecendo ela as condições de estabilidade emocional, como no ambiente da casa e do lar.

Amélie Gabrielle Boudet, A Sra. Rivail³, culta e inteligente, professora de Letras e Belas-Artes, escritora, com tendência inata para a poesia e o desenho, esposa. Mas já tinha optado por seguir de perto, incondicionalmente, o missionário-amigo-esposo, e assim manteve-se, relativamente à sua missão, praticamente “à sombra” dele, fazendo renúncias que não escaparam ao reconhecimento e à gratidão de Rivail/Kardec.⁴ Sua “doce Gaby” manteve-se firme ao

seu lado, no enfrentamento de perversos movimentos que humilharam o intelectual, agrediram o pesquisador-Codificador e feriram a sensibilidade do homem⁵. Mas nada disso os abateu: ambos, ligados ao coração de Jesus, suportaram heroicamente os revezes que um mundo de expiação e provas reserva a seus mais devotados trabalhadores, imantados ao coração do Cristo e ao cumprimento de sua missão.

O coração de Amélie, se foi heroico durante a existência de seu esposo, também o foi quando de sua partida. E foi então que a figura de “jovialidade física e espiritual”, de estatura baixa mas bem proporcionada, de olhos pardos e serenos, gentil e graciosa, vivaz nos gestos e na palavra, denunciando penetração de espírito, aliando ainda a esses predicados um sorriso terno e bondoso⁶, Amélie Boudet se agigantou. Tomou a bandeira de trabalho de seu amado esposo, na tarefa de desdobramento e coroamento de sua missão de Codificador – o que raramente tem sido destacado e reconhecido na justa medida que lhe é devida, o que também agora, dadas as condições de limitação pessoal e de espaço, por certo também não conseguimos fazer. Com mais de 70 anos, ela continuou o que, então, passou a ser a sua missão, da qual destacamos, como única proprietária legal das obras de Kardec, fez doação do excedente dos lucros da venda delas provenientes, empenhou-se na realização do plano de organização do Espiritismo, como antecipara Kardec na *Revue Spirite*, instituindo critérios para nela serem publicados artigos, confiou a Caixa Geral do Espiritismo a um tesoureiro, sob a supervisão de uma Comissão Directora, ofereceu a própria residência para quem desejasse verificar os quadros que haviam sido doados ao órgão representante do Espiritismo, protegeu a propaganda da Doutrina Espírita, etc., etc. – enfim, realizou gestão transparente, nobre, de total desinteresse pessoal e elevado devotamento. Depôs no Processo dos Espíritas, perante um tribunal que a humilhou, ao lado da valorosa esposa do inocente Leymarie.

E retirou-se, no espectro dos quadros do mundo, qual estrela cadente, mas que, no Plano Espiritual, certamente brilha alto no panteão dos Grandes Auxiliares no momento da consubstanciação da Promessa de Jesus à Humanidade. Pelas lições de abnegação, renúncia, fidelidade, devotamento e amor, no mês de seu aniversário, a Amélie Gabrielle Boudet, a “doce Gaby”, que humildemente reivindicamos como “nossa”, o preto de reconhecimento e gratidão de nosso pequenino coração.

1 – BÍBLIA. N. T. João, cap. 14:16.

2 – XAVIER, Francisco Cândido. BOA NOVA, pelo Espírito Humberto de Campos, 16 ed. Rio de Janeiro, FEB, 1985, p. 208.

3 – WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco: ALLAN KARDEC, o Educador e o Codificador, 2. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, v. 1, Parte Primeira, cap. 20, p. 129-131.

4 – KARDEC, Allan. REVISTA ESPÍRITA, jornal de estudos psicológicos, ano oitavo – 1865/publicada sob a direcção de Allan Kardec. Trad. de Evandro N. Bezerra, 2. Ed. Rio de Janeiro, FEB, 2006, p. 226, jun. 1865. “(...)minha mulher, que nem é mais ambiciosa nem mais interesseira do que eu, concordou plenamente com meus pontos de vista e me secundou em minha tarefa laboriosa, como o faz ainda, por um trabalho muitas vezes acima de suas forças, sacrificando sem pesar os prazeres e distrações do mundo, aos quais sua posição a tinham habituado.”

5 – COUTO Valle, Nadja do. Singelo Tributo a Amélie Gabrielle Boudet. REVISTA CULTURA ESPÍRITA, Rio de Janeiro, ano III, nº 22, p. 5, jan. 2011.

6 – WANTUIL, Zeus. THIESEN Francisco, Op. cit. p. 131.

NADJA DO COUTO VALLE

(In Revista Espírita Brasileira, “Revista Cultura Espírita”, Rio de Janeiro, nº. 32 – Nov. 2011).

MEDO DE ERRAR?! PORQUÊ?

Desde quando a sociedade humana vem propagando o medo diante dos erros cometidos? Difícil dizer... O próprio conceito de pecado vem sendo disseminado há tempos, irreflexivamente, como comportamento *feio*, praticado por pessoas *más*. Por causa disso, fazemos o possível para não sermos “pegos” *pecando*, nem que precisemos esconder ou atribuir nossos erros a outros.

O pecado nos leva ao inferno. Acreditamos nisso desde há muitas vidas. Mas seriam realmente nossos erros que nos aprisionariam a estados infernais de dor e sofrimento? Ou seria a forma como lidamos com os erros que nos costuma paralisar com torturas emocionais?

A Doutrina Espírita nos ensina que:

(...) Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe (ao ser humano) uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, no futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras, sem o que, motivo não haveria para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria seu avanço e, conseqüentemente, a sua felicidade futura.¹

Allan KARDEC, então, nos ofereceu a oportunidade de ampliar a consciência a respeito dos erros cometidos, compreendendo que:

>o erro faz parte do processo de evolução espiritual, a partir do momento em que o ser humano passa a utilizar o livre arbítrio;

>o erro gera situações incomodas, como forma de advertência a respeito dos caminhos a serem evitados;

>o erro promove crescimento ao oferecer oportunidade de nos responsabilizarmos pelas suas consequências.

Dessa forma, quando nos deparamos com afirmações populares como *Errou?! Agora sofra!*, limitando todo um processo pedagógico em apenas duas fases: errar e ser punido, devemos nos vigiar para mantermos nossa consciência mais ampla do que esse atavismo propõe.

Isto porque, ao focarmos nossa atenção apenas nessas duas etapas – errar e sofrer -, descartamos outra parte do processo de aprendizagem espiritual, ainda mais importante: a experiência em si!

Não é difícil constatararmos que, ao polarizarmos nossa atenção somente no resultado certo ou errado, bem ou mal, deixamos de notar o que aprendemos durante a experiência vivenciada; o que sentimos, o que observamos, o que concluímos, independentemente do final atingido. Ou seja, mais interessante do que a linha de chegada, para o desenvolvimento espiritual, é o caminho percorrido. É durante o trajecto que crescemos, aceitando ou errando, sorrindo ou sofrendo.

Por isso, muitas vezes dizemos: *por mais que eu tenha sofrido com o erro cometido, também percebo que foi exactamente aquela experiência que me fez crescer e chegar onde estou.*

Por isso, talvez, o medo de errar esteja sendo, ao longo de gerações e gerações, supervalorizado. Há tantas pessoas que passam

por caminhos equivocados, sem medo e lidando bem com as respectivas responsabilidades. É como se soubessem errar.

Quem sabe as pessoas mais temerosas diante da possibilidade de *pecarem*, sejam aquelas que ainda não aprenderam como errar, nem perceberam a finalidade positiva do erro, caso seja cometido. Elas vêm errando de forma errada!

Parece que *pecado*, então, não seria o erro em si, mas o processo de errar errado, ou seja, ao invés de aceitarmos o erro (fruto da ignorância) com naturalidade, como mecanismo de reavaliação de curso de vida, corrigindo a rota ou reparando o que for preciso, ficamos estagnados nele, caindo na lamentação e sentindo-nos perdedores por havermos errado ou temendo suas consequências infernais.

Certamente, Deus não imaginou assim o caminho da evolução, imputando medo aos seus filhos para que não *pecassem* jamais. Faz mais sentido que os Planos Divinos sejam algo do tipo: *Filhos, vivam, experimentem, aprendam...* pois, pensando n'Ele como Pai amoroso e perfeito, não parece que nos perguntaria: *Filho, você acertou ou errou de novo?*, mas que nos proporia uma conversa mais educativa, como: *Filho, o que você aprendeu com essa experiência?*, independentemente do resultado obtido.

Foco no resultado pode ser bom para a área de negócios, mas no Reino de Deus, aproveitar o caminho e aprender com as experiências, sejam acertadas ou erradas, é que nos aproxima d'Ele. Mais importante, certamente, do que não errar, é saber errar, é errar certo!

*

A análise racional do erro e do pecado, do escândalo e do crime cometido, enseja a consciência da desnecessidade do sofrimento como mecanismo de libertação, oferecendo, em contrapartida, a acção benfazeja, dignificadora, que levanta a vítima e apazigua o algoz, que reorganiza os valores desrespeitados e equilibra o grupo social, facultando bem-estar naquele que temia e agora ama, que se atormentava e ora se acalma!²

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 119 ed. Rio de Janeiro, FEB, 2002, cap. V, item 5.

2 – FRANCO, Divaldo Pereira, *Triunfo Pessoal*, PELO Espírito Joanna de Ângelis, 8 ed. Salvador: Leal, 2014, cap. 10

CRISTIANE MARIA LENZI BEIRA

(In Jornal MUNDO ESPÍRITA, da Federação Espírita do Paraná, Curitiba, Janeiro de 2017).

*

Comece por fazer o que é necessário, depois o que é Possível e, de repente, estará a fazer o impossível. – FRANCISCO DE ASSIS.

*

NATAL – ANO NOVO

Queria voltar, por um instante,
Ao Natal inocente, já tão distante
E tão diferente da minha infância.

Queria correr com ânsia,
Na madrugada fria,
Ao imponente sapatinho
A reinar nesse trono de fé
Do reino da chaminé,
Onde o Deus-Menino

De braços abertos me sorria,
Ali pertinho, ali ao pé.

Queria encantar-me,
Ainda de madrugada,
Com a simples surpresa
Da modéstia, do quase nada.

Queria que o Ano Novo
Fosse o recomeço

Dos mais bonitos sonhos,
Sonhos enternecidos,
Um dia interrompidos.

Queria um Reino de Amor
Sem fome, sem dor, sem guerra,
... em toda a Terra.

Natal da minha infância,
Na saudade!

Ano Novo de meus sonhos,
De Esperança e Verdade.

JOÃO COELHO DOS SANTOS

(Lisboa, 31-12-1993)

A FESTA REAL DE JESUS

Feliz natal...

O Natal se aproxima! Bem antes do tempo as vitrines enfeitadas convidam as pessoas a se lembrarem da época dos presentes.

Nesta fase de crise aguda, é preciso recordar mais vivamente que o tempo do Natal está chegando e é necessário provar aos parentes e amigos que pensamos neles.

Feliz Natal! Para muitos, esta pequena frase não se realiza tão facilmente quanto é pronunciada. Cercado de presentes, diante de iguarias, o ser humano não está feliz. Nele, viu uma emoção tocada de incompletude, como se algo ou alguém estivesse faltando.

Lá fora, na noite, noutras casas onde a luz escasseia e a mesa é pobre, também se ouve *Feliz Natal!*

Lá e aqui, a *noite feliz* parece não significar quase nada, a não ser o estranho paradoxo de se ter que aparentar felicidade porque assim é estabelecido. Afinal, o que se está comemorando?

Um repórter, em movimentada avenida, perguntando aos transeuntes que saem das lojas com embrulhos e sacolas, o que se comemora no dia 25 de Dezembro, possivelmente obteria respostas variadas e, entre estas, talvez alguém se lembrasse de dizer que é a data do nascimento de Jesus. Mas, por mais que se procure o Aniversariante, Ele não é encontrado. Não há qualquer sinal nas ruas e lojas... A exacta compreensão do Natal sugere uma averiguação histórica quanto à data do nascimento de Jesus. Os

pesquisadores não são unânimes em afirmar que ocorreu em Dezembro, porque, na história do Cristianismo primitivo, os primeiros cristãos não tinham o hábito de celebrar o Natal, por considerarem a comemoração um costume pagão.

As primeiras observações acerca do nascimento aparecem por volta do ano 200.

O dia 25 de Dezembro foi mencionado em 336, o que não impedia que em outras datas também ocorressem os festejos, como, por exemplo, no dia 6 de Janeiro, que até hoje é mantido pelas Igrejas Ortodoxas Orientais (dados históricos extraídos da Enciclopédia Delta Universal, Ed. Delta, Rio de Janeiro). Com o passar dos séculos, o Natal foi deixando de ser uma festa de cunho religioso e passou a ganhar novos contornos, originários de culturas anteriores ao Cristianismo.

Na Inglaterra, durante a Idade Média, o Natal transformou-se no dia mais alegre do ano, mas como esse estado de alma não era lá muito compatível com o “*espírito sombrio*” da época, os puritanos, que encaravam a festa como pagã, proibiram-na no país.

No Ocidente, a celebração do Natal, anteriormente ligada ao nascimento de Jesus, aos poucos foi sendo modificada. A figura do Papai Noel, o bom velhinho, tornou-se um atractivo maior para as crianças, logo também para os adultos. As festas natalinas assumiram um carácter notadamente comercial, onde se estimula o consumismo desenfreado sob o pretexto de que esta é a época de se presentear os amigos e parentes.

Com isso tudo, Jesus foi sendo gradualmente substituído, de motivo central da festividade a elemento secundário na preferência popular, que resolveu homenagear outros ídolos. Le, porém, dissera

com convicção: “*na Casa do Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos o lugar.*” (João, 14:2). Ao fazer tal afirmação, o Cristo garantiu que há um *lugar* para todos, que a Ele cabe preparar. Mas, e Ele?

Que lugar ocupa no mundo actual?! Será um lugar específico? Numa escala de valores, está em primeiro lugar?

A civilização ocidental rotula-se como cristã, todavia é muito difícil encontrarmos o Cristo no Cristianismo presente. Parece que os homens o baniram, substituindo-O por outros modelos de heróis que, na verdade, não expressam nenhum dos valores cristãos. Cultuam-se ídolos que se sobressaem pela força de seus músculos, pela facilidade em matar grande número de pessoas, pelas conquistas amorosas, pela adoção deliberada de extravagantes atitudes eróticas para a venda milionária de discos e livros.

Longe está o modelo do herói cristão, que traz à memória as figuras de Gandhi, Albert Schweitzer, Madre Teresa de Calcutá, e alguns poucos mais. Por isso o Natal se distancia cada vez mais de seu real significado. O Aniversariante, por certo, não se importaria em ser presenteado. Um dia, uma mulher pecadora rendeu-Lhe homenagens perfumando os seus pés com essência de nardo, diante dos fariseus estupefactos e dos apóstolos um tanto constrangidos. O Mestre aceitou a oferenda porque sabia da atitude interior que a impulsionava. Todavia, quão distante esse gesto de humildade, respeito e amor da comercialização desenfreada que ocorre em nossos dias!

Onde está Jesus neste Natal? Ele nos prepara o lugar. E que lugar Lhe damos em nossa vida? No momento em que nossa cultura comemora esta data, vale a pena guardar na memória e no sentimento uma certeza: essa região, que o Mestre prepara para nós,

começa no território do coração e só com muito trabalho e comprometimento com o Amor genuíno é que ampliaremos os horizontes seguros de nossa paz. Isto equivale a dizer que o homem reconheceria, então, o *lugar* do Cristo como o legítimo Governador Espiritual da Terra. Na verdade, o Natal não significa somente o nascimento de Jesus, em um dia específico, diante das datas do mundo, mas também o nascimento do Cristo na consciência renovada do Homem Integral, em qualquer dia, a qualquer hora.

É, com esta visão que Carmen Cinira traduz, em poesia, a festa real de Jesus (Francisco C. Xavier, *Instruções Psicofônicas*, 3 ed. Rio de Janeiro, FEB):

N A T A L

O mundo é todo um lar festivo!...
Claros guizos no ar vibram em bando...
E Jesus continua procurando
A humilde manjedoura do amor vivo.
Natal! Eis a Divina Redenção!...
Regozija-te e canta, renovado,
Mas não negues ao Mestre desprezado
A estalagem do próprio coração.

SUELY C. SCHUBERT e
CARLOS A. ABRANCHES

(Transcrito, com a devida vénia, do Boletim “Luz no Caminho”, nº. 64, informativo Doutrinário da Fundação Espírita Rodolfo Henriques, R. Prof. Juventino Nunes, 148 – Manhuaçu – M. Gerais – Brasil).

ENCONTRO DE NATAL

Recolhes as melodias do Natal, guardando o pensamento engrinaldado pela ternura de harmoniosa canção.

Percebes que o céu te chama a partilhar os júbilos da exaltação do Senhor nas sombras do mundo.

Entretanto, misturada ao regozijo que te acalenta a esperança, carregas a névoa subtil de recôndita angústia, como se trouxesses no peito um canteiro de rosas orvalhado de lágrimas!...

Á que retratas no espelho da própria emoção o infortúnio de tantos outros companheiros que foram inutilmente convidados para a consagração da alegria. Levantaste no lar a árvore da ventura doméstica, de cujos galhos pendem os frutos do carinho perfeito, entretanto, não longe, cambaleiam seguidores de Jesus, suspirando por leve protecção que os resguarde contra o frio da noite; banqueteias-te, sob guirlandas festivas, mas a poucos passos da própria casa, mães e crianças desprotegidas, aguardando o socorro de Cristo, enlanguescem de fadiga e necessidade; repetes hinos comovedores, tocados pela serena beleza que dimana dos astros, entretanto, na vizinhança, cooperadores humildes do Mestre choram cansados de penúria e aflição; abraças os entes queridos, desfrutando excesso de conforto, contudo, a pequena distância, esmorecem amigos de Jesus, implorando que lhes dês a benção de uma prece e o consolo de uma palavra afectuosa, nas grades dos manicómios ou nos leitos dos hospitais...

Sim, quando reflectes na glória da Manjedoura sentes, em verdade, a presença do Cristo no coração!

Louva as doações divinas que te felicitam a existência, mas não esqueças que o Natal é o Céu que se reparte com a Terra, através do eterno amor que se derramou das estrelas!

Agradece o dom inefável da paz que volta de novo, enriquecendo-te a vida, mas divide a própria felicidade, realizando, em nome do Senhor, a alegria de alguém!...

MEIMEI

(In **ESPIRITO E VERDADE**, ed. FEEB, psicografia do médium brasileiro, Francisco Cândido Xavier em 18/10/1964 em Uberaba, M. Gerais, Brasil).

*

SE EU FOSSE...

UM PINHEIRINHO DE NATAL

Ah...! Se eu fosse um pinheirinho de Natal, seria a árvore mais bela do mundo. Meus ramos verdes afagariam com carinho todos os corações sedentos de amor, e tudo em mim resplandeceria. Seria nas casas desertas, onde a solidão habita, a presença calorosa e o amigo silencioso que faria alguém muito feliz nesta época de Natal.

Natal... pois sim! Época de amor, luz, carinho e paz. Muita paz. Época em que a solidariedade e a fraternidade devem habitar no íntimo de cada um.

Ah...! Se eu fosse um pinheirinho de Natal, abraçaria todas as crianças do mundo inteiro e lhes recordaria que ser criança é ser feliz e que todas as lágrimas que dos seus rostinhos caem, se transformariam em maravilhosas prendas. Roupinhas para agasalhar o corpo, pãozinho e amor que lhes confortaria a alma.

Ah...! Se eu fosse um pinheirinho de Natal, diria a todos os velhinhos que não estão sós, e os alegraria com o brilho das minhas luzes. Lhes estenderia os meus ramos verdinhos e macios e os aconchegaria com todo o amor do meu coração.

Ah...! E a todas as mãezinhas do mundo, eu cantaria a mais bela canção de amor, pois elas são as árvores mais frondosas e robustas que Deus criou. A sua coragem as mantém de pé, mesmo quando a tempestade as vergasta, e na aridez da vida que seca seus olhos, e por vezes seus corações, a sua sombra serena, levando-lhes alento e esperança, perante o calor das dificuldades da vida!

Oh...! Que feliz que eu seria se fosse um pinheirinho de Natal... repleto de luzes coloridas, muito coloridas, e bolinhas de todas as cores, levando aos hospitais e a todos os doentes a esperança e a coragem para lutarem um pouquinho mais e recuperarem a saúde perdida.

Ah...! Que feliz que eu sou: de tanto pedir meu sonho se realizou. Sim!!! Eu sou um pinheirinho de Natal!!!

No cimo de mim brilha a estrela mais bela que ilumina toda a Terra, levando aos homens a esperança e a certeza de que a paz reinará. Em cada um dos meus ramos verdes encontra-se o mais belo presente que cada um poderá receber. Amor, carinho, respeito, compreensão, tolerância, perdão, paciência, solidariedade, fraternidade, bondade, caridade, esperança e alegria, muita alegria!

Recheei cada bolinha com pedacinhos de ternura e muitas gargalhadas. Coloquei, em cada laço, a força de um abraço, tão forte e tão caloroso, capaz de aquecer todos os corações – até os mais frios da Terra. Em cada luzinha que brilha, a luz que norteia no meio de tanta escuridão... e o anjinho carinhoso que do ramo mais alto meu corpinho embeleza, recorda a todos que o amor é uma certeza.

Sim... Oh... Sim...!!! Eu sou o pinheirinho de Natal mais feliz desta cidade, pois por todos eu espalho o valor da amizade. O meu maior desejo neste Natal, é que todos se possam reunir no calor dos seus lares, e, em cada um deles, fazer brilhar o mais belo pinheiro de Natal.

JOANA GONÇALVES
(N.º. 11, 6.º G)

*

TUDO É TEU

Descalço venho dos confins da infância,
E a minha infância ainda não morreu...
Em face e atrás de mim ainda há distância.
Ó Menino Jesus da minha infância,
Tudo o que tenho (e nada tenho) é Teu!

PEDRO HOMEM DE MELO

N A T A L

Menino dormindo...
Silêncio profundo.
Benvindo, benvindo,
Salvador do Mundo!

Noite. Noite fria.
Mas que linda que é!
De um lado Maria.
De outro José.

Um anjo descerra
A ponta do véu...
E cai sobre a Terra
A imagem do Céu!

PEDRO HOMEM DE MELO

(In: Natal... Natais: Oito séculos de Poesia sobre o Natal, Antologia de Vasco de Graça Moura. Ed. Público, Comunicação Social S.A.).

*

HAVERÁ SEMPRE NATAL...

Escutámos, uma vez, há muitos anos atrás, que *Natal será sempre que o homem quiser* e hoje, talvez por estarmos a escrever sobre essa época natalícia que tanto toca o nosso coração, recordámos aquela mesma afirmativa.

Pensamos – às vezes com uma certa ironia perante as circunstâncias observadas -, que o facto se começarem a ver expostos todos esses artigos de e para o Natal, com que o Comércio tenta atrair uns e outros, que será, também, por “eles” pensarem assim, que tudo surge tão cedo!

Vivendo o Presente, entretanto, não ‘descobrimos’ porque mistério, o Natal faz-nos recuar no Tempo e a sensação que, por vezes, temos, é que regredimos até ao nascimento da Criança que nasceu para salvar a Humanidade... uma humanidade tão rebelde que, em vez do Amor, ainda hoje cria guerras, alimentando ódios e vinganças, gerando lágrimas e desesperos, enquanto o apelo do Divino Amigo tenta instalar-se naqueles mesmos corações: *Amem-se, uns aos outros, como Eu vos amei!*

O problema – se é que assim lhe podemos chamar – é que para amarmos assim, incondicionalmente como Ele o fez, teríamos de ter já arreigado de nós todo o egoísmo que ainda nos ‘comanda’... e embora pensemos que não somos seus escravos, continuamos a deixar que ele nos vença, ontem, hoje e Amanhã (?), como se não fossemos capazes de lutar para o vencermos em qualquer circunstância de cada dia.

No entanto, a fortalecer o aparente desejo de nos melhorarmos, vamos afirmando que *Deus é Amor*, e por Amor Jesus veio à Terra para nos salvar a todos.

A atitude máxima desse Seu Amor – o ter dado a Sua Vida para nos salvar – parece, na nossa maneira de ser ainda tão imperfeita, assim como um conto de fadas, para encantar cada um... mas Ele, Caminho, Verdade e Vida, continua a afirmar ser o Pastor, e o Pastor, quando vê uma das suas ovelhas em risco de perdição, deixa todas as outras e vai em socorro daquela!

É esse socorro que nos tem valido ao longo dos tempos, de cada vez que somos alertados para o perigo que representa mais “Aquele atalho” por que optámos! E se Deus, na Sua infinita e Paternal Misericórdia, continua a aguardar que sejamos capazes de atingir a meta que nos apontou concordamos, entretanto, que somos nós os únicos culpados de a não termos atingido, devido, talvez, ao pouco interesse de sermos melhores. É que, assim, a cada erro cometido, podemos desculpar-nos sempre com a nossa imperfeição.

Mesmo assim, que Ele nos fortaleça o mínimo desejo de melhoria que demonstramos, enquanto – tal como os Anjos que anunciaram o Seu nascimento – vamos também nós desejando

***Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra
aos homens de boa vontade!***

Feliz Natal para todos!